

CIOS DA TERRA: SOBRE TRABALHO, CULTURA, PRODUÇÃO DE SABERES E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Ana Elizabeth Santos Alves

Lia Tiriba
(ORGANIZADORAS)



Ana Elizabeth Santos Alves
Lia Tiriba
Organizadoras

CIOS DA TERRA: SOBRE TRABALHO, CULTURA,
PRODUÇÃO DE SABERES E EDUCAÇÃO DO
CAMPO

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2022



Navegando Publicações



NAVEGANDO

www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com

Uberlândia – MG,
Brasil

Direção Editorial: Navegando

Projeto gráfico e diagramação: Lurdes Lucena

Revisão: Betânia Cordeiro

Arte da Capa: Edmilson Santana (Os Semeadores, tela de Diego Rivera - 1947)

Copyright © by autor, 2022.

C576 – ALVES, A. E. S.; TIRIBA, L. (Orgs.). Cios da terra: sobre trabalho, cultura, produção de saberes e educação do campo. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022.

ISBN: 978-65-81417-57-4

 10.29388/978-65-81417-57-4-0

Vários Autores

1. Trabalho 2. Cultura 3. Educação do campo I. Ana Elizabeth Santos Alves
Lia Tiriba II. Navegando Publicações. Título.

CDD – 370

CDU – 37

Índice para catálogo sistemático

Educação

370

RELAÇÕES SERES HUMANOS/NATUREZA E SABERES DO TRABALHO ASSOCIADO: PREMISSAS POLÍTICO-EPISTEMOLÓGICAS¹²

Maria Clara Bueno Fischer³

Betânia Cordeiro⁴

Lia Tiriba⁵

O CAMPO COMO CAMPO DE TRABALHO E DE PESQUISA

Mediados pelo trabalho, que relações homens e mulheres estabelecem com a natureza? O que, por que e para quem produzem? Como é o processo de trabalho? Os frutos do trabalho são, majoritariamente, para a manutenção da vida material e simbólica da família e da comunidade? Que sentidos e valores são atribuídos ao trabalho? Como se articulam tempo de trabalho e tempo de ócio? Quais são os nexos entre economia e cultura na organização da vida social? Que saberes são produzidos sobre o trabalho e a vida em comunidade?

Homens e mulheres não nascem humanos, mas se tornam à medida que produzem a si mesmos como elementos da natureza. Mediados pela experiência do trabalho, os processos de intercâmbio com a natureza constituem-se como elementos de formação humana, ou seja, do fazer-se

¹DOI- 10.29388/978-65-81417-57-4-0-F.193-210

² Uma versão deste texto foi publicada na Revista HISTEDBR, em 2022. Ela pode ser conhecida em FISCHER, M.C.B.; CORDEIRO, B.; TIRIBA, L. Relações seres humanos/natureza e saberes do trabalho associado: premissas político-epistemológicas. HISTEDBR Online, Campinas, v. 22, p. 1-16, 2022.

³ Doutora em Educação pela University of Notthingam/Reino Unido. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS/RS. Email: mariaclara180211@gmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista AT/CNPq. Email: betaniascordeiro@gmail.com

⁵ Doutora em Ciências Políticas e Sociologia pela Universidad Complutense de Madrid/Espanha. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF/RJ. Email: liatiriba@gmail.com

humano como ser social, o que requer permanente processo de criação e reflexão sobre o mundo. Distinguímo-nos da melhor abelha pela práxis, entendida como unidade ação/pensamento/ação, “forma específica do ser humano” (KOSIK, 1995, p. 222). Exatamente por isso nos damos conta de que, no final do processo de trabalho, aparece um resultado que figurava em nossa mente, mas que foi se modelando nos movimentos de transformação da matéria em valores de uso - materiais e simbólicos - necessários ao existir humano. É pela práxis que construímos maneiras de estar, pensar e sentir o mundo, que produzimos saberes e cultura.

Por meio da gravura “Caçador Ilustrado” de Francisco Brenand e Vicente de Abreu, na qual aparece um indígena carregando um arco e flecha para matar um pássaro, Paulo Freire (1976, p. 128) nos convida a perceber os nexos entre natureza, cultura, trabalho e educação.

As penas são da natureza, enquanto estão no pássaro. Depois que o homem mata o pássaro, tira suas penas e transforma elas com o trabalho, já não são natureza. São cultura. [...] Descobre que ao prolongar os seus braços 5 a 10 metros, por meio do instrumento criado, por causa do qual já não necessita apanhar sua presa com as mãos, o homem fez cultura. Ao transferir não só o uso do instrumento que funcionalizou, mas a incipiente tecnologia de sua fabricação a gerações mais jovens, fez educação.

Defrontando-se com a natureza, com a intenção de transformá-la em uma de suas forças, o indígena-trabalhador(a) “põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos” (MARX, 1980, p. 202). Movido pela vontade, imprime-lhe “forma útil à vida humana” (MARX, 1980, p. 202), humanizando-se com as criações e as representações que faz do mundo. Essa força, denominada força de trabalho e que se manifesta por meio do trabalho vivo, diz respeito ao conjunto de faculdades físicas, intelectuais e emocionais existentes no corpo humano que, posto em movimento, tem a capacidade de produzir valores de uso de qualquer espécie. Além da capacidade de amar, contemplar a beleza, questionar e se indignar. O que carrega a força de trabalho humana senão a possibilidade de materializar a produção das coisas que dão sentido à vida em sociedade?

Por ser o trabalho comum a todas as formações sociais, é preciso investigar tanto as mediações de primeira ordem, que promovem nexos íntimos entre seres humanos e natureza, como as mediações de segunda ordem do capital (MÉSZÁROS, 2005), que tornam hegemônico o modo de produção capitalista, o qual tem coexistido com outros modos de produção da existência humana⁶.

Para além de uma visão bucólica de campo, podemos dizer que existem muitos e muitos campos, entre eles o do agronegócio (expressão da agricultura patronal), ou o campo da chamada agricultura familiar, que, embora se caracterize por relações de trabalho entre os membros de uma ou mais famílias (NEVES, 2012), muitas vezes, coopera com empresas capitalistas para escoar a produção. A agricultura familiar não necessariamente corresponde às práticas econômico-culturais da agricultura camponesa, que se difere radicalmente do modo capitalista de fazer agricultura. Na contraditória ofensiva ao sistema do capital, o modo camponês de fazer agricultura incorpora, segundo Carvalho e Costa (2012, p. 29), “a perspectiva maior de fortalecimento dos camponeses pela afirmação de seu modo de produzir e de viver, sem com isso negar uma modernidade que se quer camponesa”.

Os saberes do trabalho de homens e mulheres do campo (e que dele vivem) vão se constituindo através de vínculos estreitos com a natureza concebida como parte integrante do ser-do-campo. Seus modos de vida estão diretamente relacionados à dinâmica dos ciclos naturais, o que lhes confere um acervo de conhecimentos que se materializa em sistema de uso e manejo dos recursos naturais, sendo as práticas produtivas de base familiar e comunitária. Agroecologia e Educação do Campo, por exemplo, tornaram-se expressões do aprendizado e da sistematização de conhecimentos historicamente acumulados por pequenos produtores rurais, ribeirinhos, quilombolas, seringueiros, etc., tornando-se referências para Escolas Família Agrícola, escolas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e outros espaços educativos onde os movimentos populares buscam dar o tom da construção de um projeto societário que se contraponha ao capitalismo.

⁶ Sobre agronegócio e neoeextrativismo e formas de enfrentamento das populações tradicionais na América Latina, ver quadro elaborado por Tiriba e Fischer (2015, p. 412), tendo como referência matérias publicadas no *Jornal Brasil de Fato*, entre 2013 e 2014.

Considerando as formas históricas em que o trabalho no campo se plasma, chamamos atenção para a importância política e epistemológica de (re)conhecer práticas econômico-culturais não hegemônicas, que se encontram submersas, subsumidas e coexistem com o modo de produção capitalista, em sua “longa duração” (BRAUDEL, 1982). São práticas que se circunscrevem entre a reprodução ampliada da vida e a reprodução ampliada do capital⁷ e que vão conformando o que denominamos “saberes do trabalho associado”. Por tratar-se de saberes cuja fonte primeira é a própria vida, os fundamentos teórico-metodológicos desses saberes têm como base material/espiritual as relações que os trabalhadores e as trabalhadoras associados estabelecem com a natureza e entre si, no âmbito da comunidade e por meio da constituição de redes de produção e comercialização, o que pressupõe a criação de redes de produção e socialização de conhecimentos.

Entendendo que economia e cultura vão se tecendo nas mesmas redes de relações (THOMPSON, 2001) e considerando a classe trabalhadora uma formação tanto econômica como cultural (THOMPSON, 1981), o objetivo desse artigo é reunir fundamentos teórico-metodológicos sobre produção e apreensão de saberes do trabalho associado. Para isso, conceituamos esses saberes e indicamos três espaços/tempos em que eles se constroem. Em seguida, apresentamos premissas político-epistemológicas elaboradas a partir de nossas experiências de pesquisa⁸ em comunidades tradicionais e com a cadeia produtiva da economia solidária Justa Trama, que envolve trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade. Por fim, afirmamos a necessidade de consolidação do que chamamos “pedagogia da produção associada” (TIRIBA, 2001).

ESPAÇOS/TEMPOS DE PRODUÇÃO DE SABERES DO TRABALHO ASSOCIADO NO CAMPO (E NA CIDADE)

Como totalidade social, a realidade se manifesta em suas múltiplas dimensões. Assim, não nos faltam questões nem motivos para observar, interagir e, como Gramsci (2006), imiscuir-nos ativamente na vida

⁷ Ver “Reprodução ampliada da vida; o que ela não é, parece ser e pode vir a ser” (TIRIBA, 2018).

⁸ Apoio CNPq através de recursos Bolsa PQ-CNPq, Fischer (2017-2021).

prática e, com isso, nos aproximar ainda mais de nosso objeto de pesquisa: o trabalho associado. Importante apreender as particularidades e as singularidades das experiências históricas de trabalho associado, perguntando-nos em que medida essas práticas econômico-culturais caminham na contramão do capitalismo. Assim, identificamos pelo menos três espaços/tempos históricos, nos quais se dá a produção dos chamados saberes do trabalho associado. Em seus “tempos múltiplos” (BRAUDEL, 1982), esses espaços/tempos se inter-relacionam, constituindo-se no cruzamento das determinações do capital e da autoatividade de mulheres e homens trabalhadores que insistem em afirmar modos de vida fundados em formas não capitalistas de organização social. São eles:

a) **Espaços/tempos revolucionários** – quando são produzidas mudanças estruturais na sociedade. Verifica-se a dualidade de poderes, ou o confronto entre capital e trabalho que se manifesta por meio de revoltas e rebeliões⁹;

b) **Espaços/tempos da atual crise do capital e do trabalho assalariado** – nos quais as estratégias associativas de trabalho se configuram como parte integrante da economia popular, da economia popular solidária, dos movimentos de ocupação de fábricas e moradias, do MST, das experiências de agroecologia fundadas no trabalho coletivo e nos laços de solidariedade estabelecidos no conjunto da comunidade¹⁰;

c) **Espaços/tempos das economias e culturas dos povos e comunidades tradicionais** – comunidades indígenas, quilombolas, seringueiros, caiçaras, ribeirinhos, pescadores artesanais, pantaneiros, pequenos produtores rurais, entre outros grupos vinculados à agricultura ou à pecuária, aos rios ou aos mares, ao agroextrativismo e a ecossistemas específicos¹¹.

⁹ Entre outras, ver pesquisas sobre a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a Revolução dos Cravos (1974-1976) em Tiriba e Magalhães (2018).

¹⁰ Sobre esse espaço/tempo ver pesquisas de Tiriba (2001) e Novaes, Mazin e Santos (2015).

¹¹ Entre outros, ver artigos de Tiriba e Fischer (2013) sobre comunidades tradicionais no Mato Grosso; Tiriba e Santana (2016) sobre cultura do trabalho de pescadores do pantanal mato-grossense e Alves e Tiriba (2018) sobre comunidades tradicionais na Bahia, no Pará e em Mato Grosso.

Os saberes do trabalho associado são aqueles produzidos por homens e mulheres do campo e da cidade que se situam em algum dos três espaços/tempos indicados. Eles são construídos nos processos de trabalho que se caracterizam, entre outros, por uma estreita relação seres humanos e natureza, pela apropriação coletiva dos meios de produção, pela apropriação igualitária dos frutos do trabalho e pela gestão democrática das decisões quanto à utilização dos excedentes e aos rumos dos processos de produção da vida social. Envolvem os aspectos materiais, intelectuais e subjetivos presentes na atividade de trabalho e resultam dos processos prático-teóricos de transformação e compreensão da realidade humano-social, isso é, da práxis do trabalho associado.

Os processos educativos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, em sua articulação com os/as da cidade requerem tanto formação técnico-produtiva, como formação ético-política (ADAMS, 2013). Na perspectiva da formação humana omnilateral nos parece necessário incorporar o conceito de saberes subjetivos “para recuperar e afirmar a ideia de que aqui se está tratando da formação de um(a) trabalhador(a) que faz, pensa e também sente a experiência do trabalho associado e autogestionário”. A qualificação subjetiva evidencia “a forja de um sujeito trabalhador que é ao mesmo tempo conhecedor de seu trabalho, ator coletivo em seu contexto e integrante de um projeto coletivo” (CORDEIRO, 2020, p. 216).

O termo saberes do trabalho associado abrange ainda os saberes sistematizados e formalizados em fóruns coletivos que articulam experiências de trabalho associado, reúnem pesquisas e produção científica do conhecimento acerca das dimensões técnicas, políticas, econômicas, filosóficas e culturais do fazer/pensar/refazer o cotidiano do trabalho associado e sua relação com processos mais amplos da vida social (FISCHER; TIRIBA, 2009).

PREMISSAS POLÍTICO-EPISTEMOLÓGICAS PARA APRENSÃO DE SABERES DO TRABALHO ASSOCIADO

O estudo sobre produção de saberes pressupõe a compreensão do princípio educativo do trabalho, entendido como mediação nas relações que os seres humanos estabelecem com a natureza e entre si. Eleger os

saberes do trabalho associado como objeto de estudo e de intervenção na realidade, implica em construir premissas teórico-metodológicas, de cunho político-epistemológico, que aqui explicitamos. A elaboração dessas premissas tem como fonte inspiradora as pesquisas que vimos desenvolvendo em diversos espaços/tempos do trabalho associado, em particular no campo junto a povos e comunidades tradicionais¹².

Neste artigo, queremos ir mais além de uma determinada comunidade ou organização econômica isolada. Queremos pensar o desafio de formação de trabalhadores(as) do campo em redes de conhecimento, ou seja, em redes de mobilização, produção e circulação de saberes do trabalho associado. Para isso, neste texto, destacaremos a experiência da Cooperativa Central Justa Trama, uma cadeia produtiva solidária e autogestionária do setor têxtil e de confecções, que trabalha com algodão agroecológico. Ela reúne cerca de 600 trabalhadores e trabalhadores associados, distribuídos em seis organizações da economia solidária, localizadas nas cinco regiões do Brasil. Juntas são responsáveis pelo plantio do algodão, pelo beneficiamento, pela produção e pela comercialização dos produtos. Envolvendo trabalhadores(as) do campo e da cidade, a Justa Trama materializa o desafio de superar o isolamento das organizações de trabalho associado por meio da construção de redes de economia solidária¹³.

Como articular demandas de trabalho e de vida de homens e mulheres trabalhadoras do campo e da cidade em um projeto coletivo de trabalho em rede? Como suas singularidades se manifestam e, ao mesmo tempo, compõem um projeto único e autogestionário? Como se inter-relacionam e se produzem os saberes da experiência de sujeitos diversos, a partir de territórios diferentes? Os saberes dos diferentes trabalhadores(as) da rede são apreendidos e incorporados por seus diferentes elos construindo coletivamente a cadeia produtiva? Afinal, como os saberes relacionados ao algodão agroecológico atravessam a existência da rede desde a produção até a comercialização? Como Thompson (1981), não

¹² Entre outros, ver Tiriba e Fischer (2013; 2015).

¹³ A Justa Trama é uma das redes de produção e comercialização da economia solidária, envolvendo campo e cidade. Para mais informações acessar o sítio eletrônico <https://justatrama.com.br/>. Há ainda outras redes com essa mesma característica como, por exemplo, a Rede Abelha <https://www.facebook.com/redeabelha/> e a Rede Xique-Xique <https://www.facebook.com/redexiquexique/>.

são poucas as perguntas que devemos fazer aos objetos/sujeitos de nossas pesquisas.

Premissa 01 - *Os saberes se constroem e são frutos das relações sociais de produção da existência humana. Portanto, não são neutros.*

Como nasce e floresce o algodão? Qual a melhor época para o plantio? Como trabalhar a terra sem que seja necessária a utilização de agrotóxicos? Como ser que cria a realidade humano-social, o ser humano se constitui como unidade do próprio homem e do mundo, da matéria e do espírito, do sujeito e do objeto. Nessa condição, homens e mulheres produzem saberes que resultam de respostas às necessidades e à curiosidade de se apropriarem do mundo natural e cultural do qual fazem parte.

O conhecimento pressupõe a inter-relação entre o sujeito que desconhece, o objeto a ser conhecido, o ato de conhecer caracterizado pelo caminho adotado e o resultado ou a resposta encontrada. No que diz respeito ao trabalho no campo, um importante atributo é a racionalidade ambiental, ou seja, a relação que os trabalhadores e as trabalhadoras associadas estabelecem com a natureza. Essa relação é de intercâmbio e de equilíbrio vital? Em que medida, o conjunto de técnicas e o sistema de uso e manejo dos recursos naturais indicam essa racionalidade? Como a dinâmica dos ciclos naturais se liga aos seus modos de vida e formas de produção?

O conhecimento é histórico e contextualizado dado que o ser humano é um ser inacabado e a realidade se movimenta. É o caso dos saberes de pequenos(as) produtores(as), entre eles os da Justa Trama, que convivem com as contradições inerentes ao sistema capitalista. A produção destrutiva do capital, por meio do agronegócio, do neoextrativismo, da construção de barragens, etc., adentra os territórios de homens e mulheres que vivem do campo e da terra repercutindo em fome, miséria e destruição de seus modos de vida¹⁴. Nessa dinâmica, são convocados a atualizar sua práxis e o fazem de forma tensionada. Ora afirmam sua ancestralidade, seus modos de vida e suas escolhas de valorização do tra-

¹⁴ Sobre afirmação e desestruturação de modos de vida em comunidades tradicionais de Rondônia, ver Souza (2020).

balho e de preservação da vida e do planeta e ora promovem a reprodução do capital.

O conhecimento não é neutro. Como nos indica Thompson (1981), a luta de classe é sempre luta por valores, logo envolve escolhas frente ao quê, como, para quê e para quem produzir conhecimento. Ao longo da história da humanidade, a classe trabalhadora tem produzido um patrimônio de saberes resultantes de sua práxis econômico-cultural-político-ética. A que e a quem servem esses saberes? Quando apropriados para si podem se tornar uma força poderosa de libertação, como temos visto acontecer, por exemplo, no movimento agroecológico. Quando apropriados pelo capital, como é o caso do agronegócio, voltam-se contra os trabalhadores e as trabalhadoras¹⁵ e contra o planeta.

Premissa 02 - *Saberes da experiência vivida do trabalho associado e saberes científicos são conhecimentos que demandam mútuo e contínuo reconhecimento e problematização.*

Como e por que homens e mulheres do campo sabem como tratar uma dor de cabeça, uma ferida ou outra enfermidade com os recursos que a natureza lhes oferece? Ou como e por que sabem como combinar recursos naturais para evitar que pragas atinjam a plantação? Por que trabalhadores(as) de diversos segmentos, como é o caso da Justa Trama, resolvem se associar? E como criam e mantêm suas redes? Seus saberes estão plasmados em suas experiências de vida e de trabalho, que são históricas e expressões de suas singularidades.

Como assegura Thompson (1981, p. 17), fundados na experiência, os saberes têm sido criados “fora dos procedimentos acadêmicos [...]”. Ajudaram homens e mulheres a trabalhar nos campos, a construir casas, a manter complicadas organizações sociais” e, mesmo ocasionalmente, a questionar eficazmente as conclusões do pensamento acadêmico. Esses saberes possuem outra dinâmica e são desenvolvidos sob outras bases metodológicas, ainda que também impliquem observação, experimentação, análise e interpretação e comprovação. Entretanto, sua consolidação e sua perpetuação acontecem na experiência de vida, fazendo parte de

¹⁵ Ver Tiriba e Fischer (2015) especialmente o intervalo entre as páginas 410 e 415.

uma sabedoria popular que integra, a um só tempo, natureza e cultura, mente e matéria: “a intuição, as emoções, os valores morais e éticos se encontram embebidos na forma de ver as coisas” (TOLEDO; BARREIRA-BASSOLS, 2015, p. 131).

Diferentemente do saber produzido no processo de trabalho, o saber científico é produzido a partir de critérios e procedimentos metodológicos definidos e compartilhados por uma comunidade de pesquisadores, nas diversas áreas de conhecimento (Ciências Naturais, Ciências Exatas, Ciências Humanas e Sociais). Implica também a adoção de procedimentos referentes à coleta, à análise, à construção e à interpretação de dados e a elaboração de teorias, pressupondo, em ambos os casos, uma validação em rituais acadêmicos.

Nos espaços formativos da Justa Trama, vive-se o esforço de aproximação entre experiência vivida, experiência percebida e conceito. Nessa rede da economia solidária, homens e mulheres que produzem algodão agroecológico são sabedores das relações entre seres humanos e natureza e se empenham para garantir o direito de ter acesso ao conhecimento científico produzido pela humanidade. A Agroecologia¹⁶ ajuda, em grande parte, esses homens e essas mulheres. Ela tem se desenvolvido como uma importante experiência de interlocução entre os conhecimentos de diferentes naturezas, principalmente na América Latina, com vistas ao enfrentamento das consequências devastadoras da Revolução Verde. A agroecologia tem se constituído em um “conjunto de conhecimentos sistematizados”, baseados em técnicas e saberes tradicionais dos povos originários e de outros trabalhadores(as) do campo, assim como dos movimentos sociais do campo que “incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desescologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura (Leff, 2002, p. 42)” (GUBUR; TONÁ, 2012, p. 57).

O campo da Agroecologia considera que saberes acadêmicos e saberes da experiência complementam-se entre si; são históricos e contextualizados e ambos passíveis de crítica, já que são produzidos, por um lado, a partir de racionalidades distintas e, por outro, são atravessados por mediações de primeira e de segunda ordem. Na Educação do Cam-

¹⁶ Ver tese de Márcio Gomes Silva (2020) intitulada “Pedagogia do Movimento Agroecológico: fundamentos teórico-metodológicos”.

po, homens e mulheres lutam pela garantia de acesso à educação formal e essa é uma de suas dimensões, mas ela também compreende o modo de produção do conhecimento que esses sujeitos desenvolvem de forma a garantir sua reprodução e os seus modos de vida. Considera, portanto, a compreensão dos processos produtivos, os saberes dos(as) camponeses(as) e sua relação com a natureza (MOLINA, 2014).

Em síntese, o trabalho e a vida social de homens e mulheres são fonte de saberes, no entanto, Thompson (1981, p. 16) nos adverte que “a experiência é válida e efetiva, dentro de determinados limites: o agricultor conhece as suas estações, o marinheiro conhece seus mares, mas ambos permanecem mistificados em relação à monarquia e à cosmologia”. Daí a importância da classe trabalhadora garantir o direito à educação; uma educação de qualidade socialmente referenciada que considere os diferentes projetos societários onde se tecem os saberes da experiência e os saberes científicos.

Premissa 03 - *Apreender como os saberes do trabalho associado se manifestam requer apreender mediações, contradições, particularidades e singularidades dos espaços/tempos onde eles se constroem. É preciso deixar o objeto “falar”.*

Ao entender a história como processo estruturado (THOMPSON, 1981), colocamo-nos o desafio de captá-la e compreendê-la em sua concretude. Isso só é possível se considerarmos o que homens e mulheres reais estão produzindo enquanto sujeitos sociais, nos seus diversos espaços/tempos. Como Thompson (1981), entendemos que o trabalho de investigação se dá a partir do diálogo disciplinado entre conceito e evidência interrogada, entre teoria (o que é pensado, ainda que no plano das representações) e empiria (o trabalho concreto, a vida concreta).

Por exemplo, que atributos do conceito de trabalho associado são comuns às comunidades tradicionais e a uma experiência que reúne trabalhadores(as) do campo e da cidade, como a Justa Trama? Nos dois casos, os saberes produzidos pelos(as) trabalhadores(as) se fundam em seus processos de trabalho associado. Mas quais são as suas particularidades? Nas comunidades tradicionais, os saberes do trabalho associado são produzidos nas formas comunitárias ancestrais engendradas a partir,

fortemente, de mediações de primeira ordem estabelecidas entre ser humano e natureza. Ao lutarem por seu reconhecimento e pelo direito de existir reafirmam, com suas formas particulares de trabalho associado, uma existência econômico-cultural vinculada à terra e a sua ancestralidade preservadora da natureza.

No caso da Justa Trama, os saberes do trabalho associado dos(as) agricultores(as) são desenvolvidos a partir de sua participação na rede. É o caso da produção agroecológica do algodão, requerida pelo conjunto da cadeia produtiva. A partir da dimensão de associatividade do trabalho que eles(as) realizam (tanto no âmbito da unidade produtiva, no caso a associação de produtores, como no âmbito da rede) e da relação que estabelecem a partir dela com seu território, esses(as) agricultores(as) produzem saberes que não estão, necessariamente, vinculados as suas tradições ou a sua ancestralidade, mas sim a sua condição de trabalhador(a) que deve produzir agroecológica, autogestionária e solidariamente para a valorização da vida e não do capital. De qualquer maneira, podemos dizer que ambas as experiências produzem saberes do trabalho associado, em diferentes instâncias e intensidades, o que significa considerar a unidade do diverso.

Como parte do esforço de promover o diálogo disciplinado entre conceito e evidência interrogada, entendemos que a “ida ao campo de pesquisa” para a reconstrução histórica (dialética passado/presente/futuro) das diferentes experiências de trabalho associado (e seus saberes) requer a mobilização de conceitos de junção (THOMPSON, 1981), considerados em sua materialidade histórica. Experiência, produção/trabalho associado, autogestão, modo(s) de vida, cultura(s) do trabalho, são alguns deles que contribuem para a apreensão da realidade social onde são tecidas as relações entre seres humanos e natureza, mediadas pelo trabalho associado.

Premissa 04 - *As experiências de trabalho associado em rede contribuem com a compreensão e a produção de saberes acerca da totalidade social onde se inserem.*

O conhecimento da realidade por homens e mulheres está em estreita relação com a sua experiência vivida e percebida (THOMPSON,

1981). Trabalhar de forma associada em uma comunidade tradicional isolada ou em uma articulada em rede com outras comunidades tradicionais; trabalhar em uma cooperativa ou em uma rede de cooperativas altera a qualidade e a complexidade da experiência de trabalho associado. As relações entre singularidade, particularidade e totalidade social são vividas e percebidas, nesses casos, em níveis distintos.

Atuando em redes como a Justa Trama, trabalhadores(as) tendem a aprender mais sobre as relações seres humanos e natureza e o mundo do qual são parte ativa. Não só porque compartilham seus saberes já constituídos em suas histórias de vida, mas também porque realizam articulações mais amplas, diversas e complexas em relação à totalidade social. Entram em contato, a partir de uma relação associativa e solidária, que por isso tende a ser construtiva para seus integrantes, com o diferente e, em meio à diferença, estabelecem formas de atuação e conduta. Modificam suas práxis, repositionam sua luta pela afirmação da vida e do trabalho, remodelam suas práticas solidárias, necessárias à sobrevivência do grupo e de seus indivíduos. Estabelecem ou reacendem vínculos com o território do qual são integrantes, compartilham a terra, criam formas específicas de propriedade dos espaços e da produção. Afinal, a quem pertence a terra ou a produção que realizam? Que vínculos estabelecem com outros trabalhadores(as) ou povos do campo? Existe um sentimento de territorialidade que se sobrepõe à lógica da propriedade e da exploração da terra?

Ao unir trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade, a rede Justa Trama, por exemplo, possibilita-lhes interação. Seus(as) trabalhadores(as) precisam deslocar-se de sua própria condição, problematizando sua singularidade por conta da relação estabelecida com “o outro”, no âmbito da rede. Um aprende com a condição do outro e cada qual se vê obrigado a um reconhecimento mútuo, na medida em que o que afeta a um componente da cadeia passa a ser considerado pelo coletivo. As costureiras aprendem com os agricultores e as agricultoras saberes sobre a terra, sobre plantar e colher, mas também sobre a perversidade da agroindústria do algodão, sobre o avanço dos latifúndios no sertão. Juntos, aprendem sobre produção, distribuição e comercialização de mercadorias, apropriam-se cada vez mais da lógica perversa do sistema capitalista e criam formas coletivas, em rede, de enfrentamento.

Premissa 05 - *Constituindo-se como mediação, determinados procedimentos de pesquisa favorecem o diálogo entre conceito e evidência interrogada acerca dos saberes do trabalho associado, contribuindo para reafirmar os modos de vida no campo.*

O processo de criação e de consolidação do conhecimento não é facilmente percebido nem por homens e mulheres que vivem no campo e vivenciam esse processo e nem mesmo por aqueles que se aproximam da experiência de trabalho com o objetivo de apreendê-los. A constituição de um saber é, via de regra, um processo sutil, de longo prazo e de difícil verbalização. Daí a importância de procedimentos de pesquisa que permitam nos aproximar de suas diversas manifestações, que não se resumam à linguagem verbal, como também que auxiliem os homens e as mulheres a perceber e a colocar em palavras os saberes de sua experiência. Para além das palavras, existem formas simbólicas de expressão do saber do trabalho em cantorias e poesias, por exemplo.

A Educação Popular e a Pesquisa Participante têm se destacado por sua contribuição político-metodológica para pesquisas e formação que valorizam substantivamente os saberes da experiência e respeitam os modos de vida de homens e mulheres do campo. Na economia popular solidária se destacam as metodologias de Sistematização de Experiências que incorporam, através de diferentes procedimentos, o protagonismo de sujeitos da experiência e de pesquisadores(as) e educadores(as) na produção crítica de conhecimento¹⁷.

Promovendo o diálogo entre conceito e evidência interrogada (THOMPSON, 1981), há também procedimentos consolidados na pesquisa qualitativa que têm se mostrado particularmente potentes: a observação participante; as entrevistas semi estruturadas e/ou narrativas; as rodas de conversa; o diário de campo; o uso de imagens fotográficas; entre outros. Trata-se, portanto, de usar mediações de natureza metodológica, embasadas em sólido referencial teórico, que favoreçam a emersão de saberes da experiência do trabalho associado e sua (re)apropriação pe-

¹⁷ Ver o livro “A construção do conhecimento em Economia Solidária: sistematização de experiências no chão do trabalho e da vida no Nordeste” (DUBEUX et al, 2012), que é um exemplo das inúmeras publicações que ilustram formas de produção de conhecimento emancipatório que se apóiam na Educação Popular e na Pesquisa Participante.

los(as) trabalhadores(as), como elemento de resistência e (re)afirmação de seus modos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA PEDAGOGIA DA PRODUÇÃO ASSOCIADA

Reunir fundamentos teórico-metodológicos sobre produção e apreensão de saberes do trabalho associado no campo requer considerar que, sob a égide do “imperialismo verde”, as relações seres humanos e natureza estão fortemente atravessadas por mediações do capital. Nesse sentido, encerramos este texto afirmando que, na perspectiva de construir a hegemonia do trabalho sobre o capital, nosso objetivo estratégico é a consolidação do que denominamos “pedagogia da produção associada” (TIRIBA, 2001). Ela é considerada como o campo teórico-prático que visa o estudo e a concretização dos processos educativos que têm como objeto de reflexão e de ação a socialização, a produção, a mobilização, a problematização e a sistematização de saberes sobre o mundo do trabalho que contribuem para a formação integral das trabalhadoras e dos trabalhadores associados na produção da vida.

A experiência no trabalho associado, onde quer que ele aconteça, é, sem dúvida, a principal “escola” para construção da sociedade dos produtores livremente associados, mas, como espaço-tempo formador, não é suficiente. Para consolidar uma pedagogia da produção associada, o distanciamento dos(as) trabalhadores(as) para ad(mirar) sua experiência é central para que se afirmem como sujeitos de práxis crítica.

Independentemente de como se denomine, sabemos que uma pedagogia da produção associada não se afirma apenas pelo que ela “não é”, ou seja, não se afirma apenas pela negação da pedagogia do capital, mas também pelo que ela é ou pode vir a ser. Afirma-se por seus horizontes político-pedagógicos e pelo projeto que defende: a sociedade dos produtores livremente associados. Debruçar-se sobre experiências econômico-culturais atuais e ancestrais de trabalho associado e com elas apreender, acolher e entender os saberes produzidos por mulheres e homens do campo e da cidade é uma das tarefas históricas e estratégicas para alimentar tal projeto.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. **A formação em economia solidárias**: reflexões sobre as experiências do CFES Sul e ITCPs/ Região Sul. São Leopoldo, 2013 (*mimeo*).

ALVES, Ana; TIRIBA, Lia. Trabalho-educação, economia e cultura em comunidades tradicionais: entre a reprodução ampliada da vida e a reprodução ampliada do capital. **Revista Trabalho Necessário**, Niterói, v. 17, n. 31, pp.136-164, set-dez 2018.

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: BRAUDEL, F. **História e ciências sociais**. Lisboa: Ed. Presença, 1982.

CARVALHO, Horacio M.; COSTA, Francisco A. Agricultura camponesa. In: CALDART, R. *et al* (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

CORDEIRO, Betânia. **Tramas da Autogestão**. Saberes do trabalho associado produzidos na experiência de construção de uma rede de economia solidária autogestionária. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/219846>. Acesso em: 20 jul. 2021.

DUBEUX, Ana *et al.*(orgs.). **A Construção do Conhecimento em Economia Solidária**: sistematização de experiências no chão de trabalho e da vida no Nordeste. Recife: F&A Gráfica e Editora Ltda, 2012.

FISCHER, Maria C. B. **Produzindo a cultura do trabalho associado**: saberes em (trans)formação na economia popular e solidária. Projeto de Pesquisa PQ-CNPq, 2017-2021 (*mimeo*).

FISCHER, Maria C. B.; TIRIBA, Lia. Saberes do trabalho associado. In: CATTANI, A. D. *et.al* (coord.). **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra; São Paulo: Edições Almedina; Almedina Brasil, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais, o princípio

educativo, jornalismo. v. 2. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GUBUR, Dominique; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: CALDART, R. S. *et al* (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro Primeiro. Tradução Reginaldo Sant'ana. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOLINA, Mônica. A educação do campo é o resultado da luta dos trabalhadores rurais no Brasil. [Entrevista cedida a] Martín Granovsky, **CLACSO TV**. In: Congreso Internacional de Educación Superior Universidad, 10, 2014, Havana. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rM4y_1a0-Oc. Acesso em: 20 jul. 2021.

NEVES, Delma P. Agricultura familiar. In: CALDART, R. *et al* (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

NOVAES, Henrique; MAZIN, Ângelo D.; SANTOS, Laís. **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SILVA, Márcio G. **Pedagogia do Movimento Agroecológico**: fundamentos teóricos-metodológicos. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

SOUZA, William K. A. **Trabalho-Educação, Economia e Cultura em Povos e Comunidades Tradicionais**: A (Re)Afirmação de Modos de Vida como Forma de Resistência. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

THOMPSON, Edward. P. **A Miséria da Teoria ou Planetário de Erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltelsir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward. Folclore, antropologia e história social. In: NE-

GRO, A. L.; SILVA, S. (Orgs). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria C. B. Aprender e ensinar a autogestão: espaços-tempos de produzir a vida associativamente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 527-551, maio-ago. 2013.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria C. B. Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 24, n.56/2, p. 405-428, maio-ago. 2015.

TIRIBA, Lia. Reprodução ampliada da vida: o que ela não é, parece ser e pode vir a ser. **Revista Otra Economía** [online], v. 11, n. 20, pp. 74-87, jul-dec. 2018. Disponível em: <https://revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/view/14757>. Acesso em: 20 jul. 2021.

TIRIBA, Lia. **Economia Popular e Cultura do Trabalho**. Pedagogia(s) da Produção Associada. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

TIRIBA, Lia; SANTANA, Fernanda. Do diário de campo: conversas com pescadoras/es do pantanal mato-grossense sobre cultura do trabalho. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.26, n.2, maio-ago, p. 65-84, 2017.

TIRIBA, Lia; MAGALHÃES, Livia D. R. Lições do trabalho associado: educação, experiência e memória coletiva. In: MAGALHÃES, L. D. R.; TIRIBA, L. (orgs.). **Experiência: o termo ausente?** Sobre história, memória, trabalho e educação. Uberlândia: Navegando, 2018.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **Memória biocultural**. A importância ecológica da sabedoria tradicional. São Paulo: Expressão Popular, 2015.